

# Brincando com Winnicott na presença de Whitehead

Playing with Winnicott in the presence of Whitehead

---

Fania Izhaki

**Resumo:** Neste artigo propomos uma leitura dos escritos de Winnicott que atrela a valorização do meio ambiente, característica singular de sua psicanálise, à adoção de um processualismo enfaticamente relacional. Com ela, esperamos contribuir para realçar a importância contemporânea de suas propostas.

**Palavras-chave:** apropriação; clínica psicanalítica; Winnicott; processualismo relacional; meio ambiente.

**Abstract:** *In this paper I hope to enhance the contemporary importance of Winnicott's proposals by performing a reading of his emphasis on the environment through a relational processualist approach.*

**Keywords:** *Winnicott; appropriation; psychoanalytic clinic; relational processualistic approach; environment.*

A ênfase no meio ambiente se intensificou nos escritos de Winnicott na medida em que ele extraía conseqüências de suas interações clínicas, teóricas ou da vida cotidiana. Dentre os catalisadores deste redirecionamento teórico-clínico destaco suas experiências durante a Segunda Guerra Mundial. Seu trabalho de supervisão às assistentes sociais que

Cad. Psicanal., CPRJ, Rio de Janeiro. ano 27, n° 18, p.169-186, 2005

viviam com as crianças evacuadas de Londres propiciou-lhe convivência com as práticas adotadas para administrar as vicissitudes por que passavam com a separação forçada dos pais. Objetos eram trazidos de suas casas, histórias e experiências anteriores à situação de guerra, bem como as idéias que estas crianças tinham de si e dos seus eram permanentemente re-asseguradas para manter alguma continuidade na vida delas. Estas re-apropriações de relações, objetos materiais e culturais apontavam para a importância do meio ambiente na descrição da gênese e das transformações do sujeito e contribuíram para que Winnicott passasse a pensar no *holding* e no objeto transicional como temas da psicanálise.

Por outro lado, como salientou o próprio Winnicott, a partir do trabalho com David Wills num alojamento para “evacuados problemáticos”, ele pôde ver como a terapia podia ser feita, também,

“Pela regularidade das refeições, pelas colchas quentes e coloridas... [na] sessão semanal em que todos se reuniam e tinham liberdade completa para falar [nas] coisas muito importantes [que] eram expressas por algumas crianças [e aonde] era possível discernir como cada indivíduo estava tentando estabelecer uma identidade sem que realmente o conseguisse, exceto talvez através da violência” (Winnicott, 1999:251).

Sua participação nesta experiência foi fundamental tanto para sua leitura do ato anti-social como um ato ilegal, mas não ilegítimo, um pedido de ajuda associado a uma possibilidade de resgate de uma situação de “deprivação”<sup>1</sup>, quanto para a valorização do *holding* em detrimento da interpretação no tratamento destas pessoas. Como ele afirmou, este foi: “um dos primeiros impactos educacionais que me fizeram entender que existe algo em psicoterapia que não se descreve como interpretação certa no momento certo” (Winnicott, 1999:251).

Estas experiências podem ter servido como respaldo para que Winnicott, ainda que não explicitamente, resgatasse a posição daqueles que no movimento psicanalítico se insurgiram contra a consideração do Complexo de Édipo como conflito fundamental do desenvolvimento humano a ponto de reduzir a condução do processo analítico objetivando fazer emergir a questão edípica no tratamento para poder interpretá-la. Winnicott, de modo singular, parece ter se aproximado das discussões históricas que colocavam em questão: a exclusividade da etiologia sexual da neurose, a existência de uma pulsão agressiva que também tinha que ser recalcada, a resistência ao tratamento psicanalítico, a repetição e a

1. Em inglês deprivation, ou seja, a perda de algo que já se teve.

necessidade de voltar a estudar a pessoa enquanto totalidade<sup>2</sup>. Ele não só utiliza o termo personalidade total – introduzido por Adler e utilizado por Ferenczi – como defende a expansão da terapia mesmo para aqueles que não agiam enquanto personalidade total. Exercer a clínica sem, necessariamente, ouvir pessoas totais, conduziu-o a inovações teóricas e clínicas. O tratamento de Margareth Little, que ele iniciou em 1949 e que foi narrado por ela na década de 80, parece ter sido fundamental para criar novas posturas clínicas e toda uma gama de conceitos que se cristalizam no conceito de regressão à dependência. Nestes casos, a análise clássica que priorizava a interpretação cede espaço ao manejo (*management*) em respeito às possibilidades dos analisandos. Na construção de uma metapsicologia da regressão à dependência, Winnicott introduz alterações expressivas na metapsicologia e na clínica psicanalítica.

### **Da ênfase no meio ambiente a um processualismo enfaticamente relacional**

A valorização do meio ambiente proposta por Winnicott pode ser aprofundada quando se faz uma leitura que a aproxime da adoção de um processualismo enfaticamente relacional<sup>3</sup>. O processualismo é uma forma de análise que privilegia o modo como processos se combinam para formar coisas em detrimento tanto da substancialização da natureza em coisas que perduram – substâncias – quanto da ênfase nas coisas que se combinam para formar processos. Priorizar processos significa trabalhar com a temporalidade, a atividade, a mudança, a contingência, a emergência, a passagem, o novo e a criatividade enquanto categorias fundamentais.

Pontalis, no prefácio da edição francesa de *O Brincar e a Realidade*, chama a atenção para a frequência com que Winnicott usa gerúndios como brincando, fantasiando e experienciando com o objetivo de “indicar movimento, um processo em curso, uma capacidade... e não o pro-

---

2. Sobre este tema, consultar, em especial, Clara Thompson. *Evolução da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

3. O processualismo relacional é um dos pressupostos fundamentais da filosofia de Whitehead, filósofo inglês que lecionou em Cambridge e depois em Harvard. Neste artigo proponho que simplesmente brinquemos, em presença de Whitehead, mantendo-o como avalista de nossa exposição. Para maiores detalhes sobre associações possíveis entre o processualismo relacional, característico da filosofia de Whitehead, e as propostas teórico-clínicas de Winnicott, sugiro consultar *Transformações de si: uma leitura dos escritos de Winnicott priorizando processos e relações*. Fania Izhaki. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da Uerj, 2005.

duto final”<sup>4</sup>. Por outro lado, Winnicott é explícito sobre sua preferência em usar o infinitivo em vez do substantivo para dar ênfase à ação quando fala em jogar (*play*) em lugar do brinquedo<sup>5</sup>. Estas opções lingüísticas apontam para uma aproximação com a filosofia do processo em que o movimento, o que está em curso, as capacidades adquiridas têm prioridade em relação ao estudo de coisas ou conceitos em si.

Winnicott não se preocupava em comentar opções metodológicas em seus escritos. Uma aproximação com uma postura ontológica que privilegie o estudo do existente enquanto participante de um processo parece permitir melhor entendimento de seu conceituar teórico. Pode-se ilustrar o acerto deste tipo de colocação considerando os termos com que Jan Abram (1997) compõe seu dicionário e guia para compreender Winnicott. Se fizermos uma mini-classificação dos 22 conceitos listados, veremos que três deles são, por si só, processos. Enquanto os demais são capacidades, estados ou conceitos que se alteram em função do processo de subjetivação. Explicitando:

- A regressão, o jogo da espátula e o jogo do rabisco – são processos clínicos introduzidos por Winnicott;
- O concernimento, o jogar e a capacidade de ser só – são capacidades resultantes do processo de desenvolvimento emocional;
- A tendência anti-social, a continuidade do ser, a integração do ego, a preocupação materna primária e a psique-soma são estados associados ao sucesso ou à falha no processo de desenvolvimento emocional.

Os demais conceitos listados – agressão, criatividade, dependência, ódio, holding, meio ambiente, mãe, *self*, fenômenos transicionais, depressão, comunicação – têm como particularidade o fato de se alterarem ao longo do processo de desenvolvimento emocional. A mãe é mãe-ambiente numa ocasião e mãe com alteridade em outra; o meio ambiente é realidade subjetiva numa ocasião e realidade compartilhada em outra; até mesmo a criatividade e a agressão transformam-se com o processo. Estas definições reafirmam o caráter processual da teoria de Winnicott. Não se pode negar que elas causam dificuldades de entendimento para quem procura conceitos fixos ao longo de todo o processo de subjetivação, para quem quer insistir na substancialidade de conceitos exigida por leituras

4. Citado por Pigaud, B. em “Une tâche sans fin”. In L’arc n 69, Librairie Duponchelle, 1990.

5. Ver *O brincar e a realidade* quando Winnicott afirma: “é evidente que estou fazendo uma distinção significante entre o substantivo brincadeira e o verbo substantivado brincar (Winnicott, 1975:61).

essencialistas de Winnicott. No entanto, se passarmos a considerar Winnicott como um processualista, não há mais sentido em se espantar com o fato de seus conceitos terem definições que não podem ser consideradas isoladas do processo a que estão se referindo.

A adoção do processualismo tem como corolário direto uma valorização da ação em curso. O foco se desloca tanto da análise do sujeito quanto da consideração de um objeto fixo e separado dele para se fixar numa forma de ação e de interação entre sujeito e objeto, sendo que tanto o sujeito quanto o objeto e a relação entre eles passam a ser ocorrências de um processo. Winnicott pensa a relação de objeto considerando sujeito e objeto sempre da ocasião em processo, enfatizando como ela se altera em diferentes fases do desenvolvimento emocional, em diferentes situações para um mesmo indivíduo e para diferentes indivíduos numa mesma situação. Ele chama de apropriação a forma geral com que uma pessoa ativa se relaciona com diferentes objetos ao longo de toda sua vida, diferenciando as possibilidades das pessoas e as circunstâncias da relação. Reconhecer a diversidade de apropriações possíveis em função das variáveis que afetam cada relação é fundamental para se aprofundar nas considerações teórico-clínicas de Winnicott em *O Brincar e a Realidade*.

A apropriação é uma experiência momentânea permeada por um concernimento que a torna valorativa. É um ato que conjuga ativamente tudo aquilo que vive no presente independente de pertencer ao passado ou ao futuro. A fusão do passado imediato e do futuro, enquanto antecedente, com o presente imediato se efetiva a cada apropriação. A experiência humana é peculiar uma vez que as heranças dominantes das ocasiões ligadas ao passado imediato, que apontam para a continuidade, são, continuamente, quebradas pela mútua imanência com a ocasião em processo. Neste contexto, Winnicott fala em co-originação, em contigüidade e em transicionalidade.

Quanto às trajetórias dos processos, Winnicott trabalha com uma ênfase fundamentalmente relacional. Desde seu artigo de 1945 sobre o desenvolvimento emocional primitivo, ele considerava que a localização espaço-temporal dependia da localização simples nem no espaço, nem num dado tempo. Ao definir a existência de um processo de realização, ele rompe com qualquer determinismo espaço-temporal e opta por uma ênfase relacional que faz com que o processo de subjetivação tenha sua trajetória determinada pelas relações estabelecidas no tempo e no espaço. O mesmo raciocínio me parece válido para pensar a clínica winnicottiana que, atrelada a um pressuposto relacional, vai definir trajetórias no tem-

po e no espaço em função de relações efetivamente estabelecidas. Isto nos afasta das pré-determinações etárias, diagnósticas e desenvolvimentistas e nos conduz a uma visão dos processos clínicos como uma trajetória em que as possibilidades são definidas a cada momento através das relações possíveis e das relações efetivamente estabelecidas.

A estruturação espaço-temporal é um processo interminável em que a continuidade daquilo que é potencial é sempre rompida. A realização é pensada como concreção de uma potencialidade e como realidade em processo. Com isto, o existente deixa de se situar “dentro do tempo”, porque ele não pode ser caracterizado nem observado do exterior em referência a um tempo contínuo comum. O existente passa a produzir sua situação, a fazer época.

Esta concepção leva-nos a uma re-descrição do meio ambiente admitindo uma dualidade. Por um lado, as relações possíveis formam uma rede que compõem o meio ambiente quando dele se faz uma descrição realista. Por outro lado, a cada momento, esta rede é rompida por apropriações variadas que recriam a realidade existente. A dualidade realismo x nominalismo é importante na definição winnicottiana de meio ambiente na medida em que se trabalha tanto a co-originação do eu e do não eu (meio ambiente) quanto a existência de um meio ambiente realista – frio, barulho, força da gravidade, realidade social – que lá está independente de que se possa nomeá-lo ou apropriar-se dele.

Se admitirmos a prevalência das relações, tanto na subjetivação quanto na clínica, estaremos lidando com pessoas que são afetadas pelos tipos de relação a que são submetidas ao longo da vida, ao mesmo tempo em que, através das relações que estabelecem, podem alterar estas relações. Isto nos conduz a ler Winnicott priorizando as apropriações, seja reconhecendo a existência de pessoas promotoras de apropriações ao longo de toda sua vida, seja pelo fato de que as pessoas são descobertas como fator de agenciamento e fazem a diferença<sup>6</sup>.

Ogden (2002) aponta como, desde seu artigo “Desenvolvimento emocional primitivo”, Winnicott mudou o eixo de análise da psicanálise e de suas propostas clínicas ao privilegiar o relacional envolvido na experiência de estar vivo, descritas seja como continuidade de ser, seja como a possibilidade de viver juntos uma experiência. Nesta concep-

---

6. Esta via de mão dupla da apropriação clarifica a afirmação winnicottiana de que “é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado” (Winnicott, 1983:169).

ção, relacionar-se significa “viver juntos uma experiência”, o que traz em si um paradoxo visto que, simultaneamente, cada participante da relação vive algo absolutamente singular e algo se constrói na unidade da relação vivida. Para Ogden:

A mãe e a criança não “tomam parte em”, “partilham”, “participam de” ou “entram em” juntos em uma experiência... Nesta passagem, o modo específico como Winnicott usa a linguagem é crítico para a natureza dos sentidos que estão sendo gerados. Na frase “viver juntos uma experiência” viver é um verbo transitivo e a experiência é seu objeto. Viver uma experiência é fazer algo sobre alguém ou alguma coisa (tanto quanto atingir uma bola é fazer algo à bola); é o ato de infundir vida à experiência. A experiência humana não tem vida até que a vivamos (em oposição a tê-la do jeito operacional). A mãe e a criança não atingem a relação uma com a outra até que cada uma possa fazer algo para experienciar -isto é, vivê-la juntas, não simplesmente ao mesmo tempo, mas vivendo a experiência levando em conta simultaneamente aquilo que está experienciando e respondendo aos atos do estar vivo do outro enquanto alguém separado de si. (Ogden, 2002: 749)

Relacionar-se significa, então, poder viver algo juntos, havendo alguma unidade resultante das apropriações realizadas por cada participante de uma relação ainda que a apropriação de cada participante seja singular. As primeiras relações mãe-bebê, por exemplo, são descritas por Winnicott de modo a enfatizar este caráter paradoxal da relação em que o bebê, descrito por ele como uma unidade biológica, ainda que se aproprie do ambiente como tal, será considerado pela mãe como alguém que demanda ou até deseja, o que cria um tipo de relação instituinte para este bebê. Relacionar-se sempre envolve o encontro entre dois num momento presente, mas também a consideração que o encontro de cada um com o outro permanece singular<sup>7</sup>. Como consequência, a relação analítica implicará tanto na admissão de uma diversidade de apropriações possíveis por parte do analisando quanto na consideração da mutualidade passível de existir entre analista e analisando durante o processo analítico.

### **Primeiras explorações clínicas**

Quais as consequências clínicas do enfoque processualista relacional apresentado acima? Para Winnicott, “a psicanálise foi desenvolvida como

---

7. Ela afasta a terapia winnicottiana das terapias baseadas na co-vivência, pois salienta o modo como a identificação com o outro é sempre relativa.

uma forma altamente especializada de brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. Precede ao brincar da criança, forma natural de comunicar e de chegar a relacionamentos consigo mesmo e com os outros” (Winnicott, 1975:61). Por esta definição, o processo psicanalítico é um parêntese transgressor em relação ao viver cotidiano ou ao sonhar, co-criado pelo brincar do analista e do analisando.

Ele propõe que a psicoterapia se efetue na superposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta e que, nos casos em que o brincar é impossível ao cliente, o terapeuta deve dirigir seu trabalho para capacitá-lo a brincar. O atendimento analítico deve ocorrer em função das possibilidades do paciente na ocasião específica. O reconhecimento das situações analíticas em que o espaço intermediário está atuante, não se constituiu ou se dissolveu, dadas determinadas condições específicas do meio ambiente, é uma contribuição preciosa de Winnicott à psicanálise. Ela muda o brincar do analista, pois o leva a reconhecer que nem sempre é possível ao paciente transformar-se através de interpretações. Para viver uma experiência é necessário ter lugar para guardá-la, poder apropriar-se subjetivamente da realidade e poder viver uma experiência mútua em que o outro está separado de si. Winnicott se diferencia radicalmente dos kleinianos quando afirma que o estarrecia pensar em quantas mudanças profundas havia impedido antes de descobrir que interpretar fora do momento adequado do processo produz submissão e que “interpretar quando o paciente não tem capacidade para brincar, simplesmente é inútil, ou causa confusão” e que somente nas ocasiões em que “existe um brincar mútuo, então a interpretação segundo os princípios psicanalíticos aceitos, pode levar adiante o trabalho terapêutico” (Winnicott, 1975:75).

Ele afirma que, em certas condições, cabe ao analista criar condições para que o espaço de superposição entre seu brincar e o do cliente possa simular o espaço potencial e que o cliente possa usá-lo de modo a transformá-lo num espaço intermediário, primeiro dentro do consultório e com o analista e depois fora dele, com outras pessoas e em outras situações. A partir dessas considerações, nossa hipótese é que Winnicott considerou que a relação analítica deve variar de acordo com o tipo de relação com o analista que cada analisando, a cada fase do processo analítico, pode estabelecer. É a partir das possibilidades do analisando que o analista deve intervir a cada momento do processo e estas tendem a variar segundo o grau de dependência em relação ao meio ambiente em que age o analisando. As tabelas 1 e 2 que apresentamos ao final deste artigo fazem um resumo do modo como tanto os elementos característicos das apropriações como as percep-



ções da realidade variam, para Winnicott, em função do grau de dependência em relação ao meio ambiente em que se dão as apropriações.

Para Winnicott, as formas como são percebidos o eu, o não eu e o outro variam em função da autonomia do eu em relação ao meio ambiente (ver tabela 1). Nas situações de dependência absoluta, o eu, a realidade e o outro apresentam-se indiferenciados. Winnicott enfatizou como os psicanalistas desconsideraram esta situação ao desconsiderarem a não-integração projetando no bebê formas de agir e de reagir que não lhes são possíveis numa fase em que ele ainda não se diferenciou do meio que o cerca. Em suas palavras, “os psicanalistas talvez tenham concedido uma atenção especial a este elemento masculino ou aspecto pulsional do relacionamento objetal, mas, porém, negligenciado a identidade sujeito-objeto, para a qual estou chamando atenção aqui e que se encontra na base da capacidade de ser” (Winnicott, 1994:140).

Winnicott explora bastante bem as conseqüências desta situação específica em que, ainda que predomine a indiferenciação entre o eu e o não eu, o meio ambiente externo ao eu não deixa de existir. O meio ambiente, inclusive a mãe percebida como tal, propicia ou não ao bebê, para quem tudo é ele, a experiência maior de continuidade que Winnicott denomina experiência de ser. Cuidadores que possam garantir o impulso criativo do bebê, quer ele resulte num agir ou numa exploração imaginativa<sup>8</sup> da realidade, permitem a ele um experimentar da identificação com o não eu e a continuidade<sup>9</sup>.

A experiência de ser é básica para que, posteriormente, homens e mulheres possam ser um *self* saudável em que exista uma quantidade variável de elementos que, por sua desejabilidade, suscitam ação no outro. A raiz dos elementos que suscitam ação no outro, pela sua

---

8. Uso o termo elaboração imaginativa para afastar-me de controvérsias resultantes do entendimento da palavra fantasiar, mais corriqueira em português, como *fantasying*, no sentido winnicottiano. Note-se que, em inglês há dois termos para fantasiar – *phantasying* e *fantasying* –, sendo o primeiro definido como ‘o pensar em coisas e eventos ausentes’ e o segundo como “uma imagem mental fantástica ou errática”. Freud e Melanie Klein trabalhavam, de forma diferenciada, com um conceito de fantasiar que se aproximava do de “*phantasying*”. Winnicott que acreditava na existência de um percurso necessário até que coisas e eventos pudessem ser considerados ausentes, considerava que tanto a exploração imaginativa quanto o agir variavam com a situação de autonomia possível em relação ao meio ambiente. Ele utilizou o termo *Fantasying* – derivado do substantivo *fantas* – para designar situações em que a desesperança em relação à dependência resultava num fantasiar ou num ‘agir sem fazer’ em que a onipotência é, defensivamente, mantida.

9. Nesta fase, bebê e objeto são indiferenciados. Winnicott levanta a hipótese de que a ‘identificação primária’ talvez tenha sido usada para designar exatamente o que ele descreve como indiferenciação. (Winnicott, 1994:140)

desejabilidade, está na identificação com o seio, daí denominá-los de femininos. O elemento feminino, por identificação com o seio, é desejável, comestível e capaz de gerar excitação em um outro. É a capacidade dos cuidadores, homens ou mulheres, de apresentarem ao bebê seus elementos femininos que suscita e/ou sustenta a ação e a manutenção do gesto espontâneo.

Nesta situação em que a capacidade de apropriação humana está calcada, sobretudo, no sentir através dos cinco sentidos, em seu armazenamento na memória e em correlações que transformam memórias em sinal. Da apropriação do sinal como uma nova informação, nascerá o fazer. Langer nos ajuda a desenvolver o tema. Para ela,

“Há profunda diferença entre o uso de símbolos e o uso de sinais<sup>10</sup>. O emprego do sinal é a primeira manifestação da mente. Surge tão cedo na história biológica quanto o famoso “reflexo condicionado” pelo qual o concomitante de um estímulo assume a função do estímulo. O concomitante torna-se um sinal da condição pela qual a reação é de fato apropriada” (Langer, 1989:40).

Um sinal indica a existência – passada, presente ou futura – de uma coisa, evento ou condição que a ele está relacionado de forma biunívoca. Um cheiro, uma voz, um toque são imediatamente associados através da experiência passada influenciando a avaliação e as reações no presente e no futuro. A interpretação de sinais, básica na inteligência animal, continua presente no homem quando atende à campainha da porta, abre o microondas quando ele apita ou se vira quando é tocado por trás. Esta avaliação realista do meio ambiente será complexificada pelo uso que o homem faz da linguagem e que, por sua vez, faz com que ser tocado por trás possa estar associado à chegada de um amigo, a um assalto ou a um presságio. Mas, ainda não estamos falando do uso de símbolos.

Pensar no uso inicial dos sinais quando da não-integração permite aumentar a compreensão da análise de Winnicott em “O Medo do Colapso”. Ele, ali, fala em experiências que só puderam ser experienciadas como agonias primitivas e na organização de defesas e dissociações extremas. Enquanto prevalecem os sinais, as sensações e a não integração, a falha continuada do meio ambiente não tem como ser elaborada. Em consequência, defesas e cisões são produzidas.

10. Troquei a palavra “signo” usada pela autora por sinal baseada no prefácio que ela faz à segunda edição onde afirma: “Se, no entanto estivesse escrevendo-o agora, haveria uma diferença, pelo menos na terminologia. Charles Morris em seu *Signos, Linguagem e Comportamento*, empregou um tratamento que acho superior ao meu e que conseqüentemente adotei desde a publicação de seu livro. Morris usa a palavra “sinal” pelo que eu chamava de “signo” (Langer, 1989:11).

A partir de tudo que já dissemos até aqui, fica claro como a indiferenciação exige a existência de um meio suficientemente adaptado ao bebê sem omissões nem intromissões que, reiteradas, façam-no ter que reagir em vez de agir. Comentando um caso clínico, Winnicott afirma: “Seu meio ambiente de infância parecia incapaz de permitir que ela fosse amorfa, mas, tal como ela o sentia, deveria modelá-la e recortá-la em formas concebidas por outras pessoas”( Winnicott, 1975:54).

Winnicott se dedica a ampliar o escopo da clínica psicanalítica ao supor a necessidade de um tratamento diferenciado para indivíduos que não puderam ser tranqüilamente amorfos durante a fase de não integração.

“Isto nos dá indicação para o procedimento terapêutico: propiciar oportunidade para a experiência amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar”. (Winnicott, 1975:93).

Deixo aqui como idéia para explorações futuras a de que se pode ganhar em entendimento teórico-clínico das situações traumáticas se as descrevermos aproximando-as às relações de dependência absoluta descritas por Winnicott, isto é, como uma situação específica em que acontecimentos traumáticos – doenças, seqüestro ou acidentes etc. – funcionam como invasões ambientais para as quais não encontramos possibilidade imediata de simbolização e que podem nos fazer retornar a apropriações em que sinais, confiança e angústia podem voltar a ter um peso próximo daquele que já tiveram um dia. Neste contexto, será que não cabe ao analista, tal como propõe Winnicott em seu artigo sobre preocupação materno-primária, propiciar, em análise, um meio ambiente em que o analisando possa aguardar a “recuperação das aniquilações que resultam de reações às invasões ambientais” e trabalhar numa mutualidade que priorize o acolhimento de agonias impensáveis, o estabelecimento da confiança e a associação por contigüidade até que a continuidade do ser seja restabelecida e novas simbolizações possam ser feitas?

Por outro lado, na teoria winnicottiana, os elementos da apropriação – afetos, ações, caracterização de objetos e o relacionamento com o objeto – também se diferenciam em função das situações de autonomia em relação ao meio ambiente (ver tabela 2). Nas situações em que vigora a dependência relativa, a realidade ainda é vista como predominantemente subjetiva, o eu ainda é visto como unido ao outro o que faz com que se passe a ser só com. Em “A capacidade de estar só”, Winnicott descreve o processo pelo lado do sujeito como a passagem do “eu sou” para o “eu sou só”. O ser só na presença da mãe é descrito por Winnicott como um

brincar onde a criança tem que lidar com a precariedade do inter-jogo da realidade psíquica pessoal com a experiência de controle de objetos reais. Isto só é possível num ambiente de confiança onde a mãe é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar funcionando como fiadora de um processo que não pode ser interrompido por nenhuma demanda. No interjogo que dá tranqüilidade à criança, a mãe funciona como o espelho em que a criança ainda se olha. Neste contexto, a criança está brincando com base na suposição de que há algo externo a ela que está disponível e permanece disponível quando é lembrado, mesmo após ter sido esquecido. A vivência paradoxal de ser só, ainda que na presença da mãe, é condição necessária para a posterior separação.

Na dependência relativa, ainda que o sujeito reconheça uma presença externa a ele, ela lá está para ele, por obra dele. Com isso, nem o sujeito nem seu objeto são entidades com direito a serem o que são por si só. Se na dependência absoluta o eu estava mergulhado no não-eu, na dependência relativa, é o não-eu que está englobado pelo eu. Sendo resultado de mecanismos de projeção, o objeto é, em geral, idealizado pelo sujeito como perfeito e inatingível e ele vai agir para mantê-lo enquanto tal. Ainda que isto signifique o não exercício da agressividade. Neste contexto, são os afetos ligados à presença e à separação que mobilizam o uso da primeira possessão não-eu.

Winnicott reserva o termo – relação de objeto – para as relações estabelecidas quando o bebê ainda não consegue reconhecer nenhum objeto como diferenciado de si mesmo. Não há limite para aquilo que é ele, tudo é ele e tudo é criação dele. Nesta fase, qualquer apropriação é por “identificação – eu e isso somos a mesma coisa” – que Winnicott diferencia da experiência de identificação primária freudiana que admite a existência de diferenciação entre eu – não-eu. Na relação de objeto, enquanto o eu é indiferenciado em relação ao outro, toda a apropriação se dá por continuidade porque nada há separado do bebê, não podendo haver contigüidade.

Em termos clínicos, no adendo ao primeiro capítulo de *O Brincar e a Realidade*, Winnicott expõe “o caso do barbante” que pode ser paradigmático para explicitar situações em que o objeto transicional se estabiliza como fetiche<sup>11</sup>. Neste caso, a própria mãe declara para Winnicott que, a

11. Freud define o feticchismo (1927) como “um signo de triunfo sobre a ameaça de castração e um meio de se proteger”, como um substituto do falo materno em que o menino acreditou e de que não está disposto a abrir mão. Freud (1938) considera feticchista aquele que mantém através de uma clivagem defensiva duas imagens opostas dos órgãos genitais femininos. Winnicott vai considerar o feticchismo como advindo de fase mais precoce considerando a dificuldade de separação, a adição ao objeto e sua reificação como podendo se originar antes da castração freudiana.

seu ver, a “separação mais importante fora a perda dela quando estivera gravemente deprimida; não fora apenas o fato de ela se ter afastado, disse, mas sua falta de contato com ele por causa da inteira preocupação dela com outros assuntos”. (Winnicott, 1975:34) Winnicott se interessa pelo agir do menino face à situação que viveu. Para ele há um processo que vai da tentativa inicial de comunicar sua necessidade de manter a união que, não sendo ouvida, passa a ser exagerada em função de uma certa desesperança. Este processo pode chegar ao ponto em que o barbante passa a comunicar a negação da separação.

“Como negação, o cordão torna-se uma coisa em si, algo que possui propriedades perigosas e necessidades que precisam ser dominadas. Quando a esperança está ausente, o cordão representa uma negação da separação, surge então um estado de coisas muito mais complexo, um estado que se torna difícil de curar, por causa dos ganhos secundários oriundos sempre que um objeto tem que ser manuseado a fim de ser dominado” (Winnicott, 1975:36).

Winnicott volta a atender o paciente passados 14 anos do primeiro atendimento e ele havia evoluído tanto para a impossibilidade de se separar da mãe quanto para a drogadição. Se pensarmos o caso a partir dos elementos da apropriação, conseguimos generalizar conclusões sobre sua importância contemporânea. A falta de contato com a mãe ambiente impossibilitou este menino de viver a justaposição o que o fez continuar privilegiando sinais nas relações com o meio. A comunicação por sinais que não pode ser ouvida e acolhida terminou por ocasionar a fetichização dos objetos como capazes de estabilizar o aniquilamento que vem com a separação. O tratamento de adictos como sujeitos para quem a droga sintetiza a negação da separação redimensiona o trabalho analítico com adictos para a área do restabelecimento da confiança e do contato numa relação em que se afirma a justaposição antes impossível<sup>12</sup>.

A transição em direção à independência exige o “objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto

---

12. Joyce Mc Dougall vem estudando este processo através da definição de objetos transitórios que permanecem como objetos de adição para aqueles que não puderam introjetar a função materna (Lehmann, 2003:252). Bollas estuda o mesmo processo através de outro ângulo quando define objetos transformacionais como aqueles que “são buscados por sua função de transformação” ou a quem o adicto se entrega para que ele possa transformá-lo. Bollas privilegia a falha do meio ambiente, em geral materna, que não permitiu que o modo de relação com o objeto se torna, prioritariamente, transicional. Para o desenvolvimento da relação entre a predominância do modo transformacional de relação com o objeto e o uso de drogas ver Souza (2002).

como fenômeno externo, não como entidade projetiva” (Winnicott, 1975:125). Só, então, o objeto deixa de ter sido colocado no mundo pelo sujeito e passarão a existir sujeito e objeto enquanto entidades com direito a serem o que são ou alteritárias. Passa a existir externalidade do meio ambiente e possibilidade de encontro entre dois.

Quando o objeto sobrevive ao impulso agressivo, é possível a colocação do objeto fora da área de projeção. Esta mudança se dá no âmbito da mutualidade e depende da capacidade materna de sobreviver. Ela depende do sujeito poder destruir ou desdenhar o objeto – esquecer, morder, ferir, destruir na fantasia – ou seja, agir sobre o objeto no sentido de torná-lo seu, sua posse. Quando o objeto sobrevive sem retaliar e o padrão de mutualidade estabelecido é mantido, o sujeito passa a conferir valor à existência do objeto enquanto independente dele. Nas palavras de Winnicott,

“Daí por diante, o sujeito diz ao objeto: “Eu te destruí”. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia “(inconsciente)”. Aqui começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu... Daí em diante, tendo atingido esse estágio, os mecanismos projetivos auxiliam o ato de notar o que está ali, mas não constituem o motivo pelo qual o objeto está ali”. [grifo nosso] (Winnicott, 1975:126)

Fazendo por si mesmo a ponte entre a psicanálise e as experiências culturais, Winnicott aponta como Rilke diferenciando *Raum* (espaço) de *Welt* (mundo) havia antecipado esta idéia de que a passagem para um mundo objetivado (para a realidade compartilhada) dependia da sobrevivência do objeto. Segundo Winnicott, para Rilke,

“*Raum* (espaço) é um espaço infinito em que o indivíduo pode operar sem passar pela experiência arriscada de destruição e sobrevivência do objeto. *Welt* (mundo), em contraste, é o mundo na medida em que o objeto, pela sobrevivência, tornou-se objetivado pelo indivíduo, e pode ser usado” (Winnicott, 1994:186)”.

A passagem da dependência relativa em direção à independência tem como condição necessária que se possa deixar de considerar a mãe como um objeto idealizado, uma entidade sem seu próprio direito. Para tal, é necessário que este objeto possa resistir a ações agressivo-criativas de tal modo que o sujeito possa experienciar, na prática, a existência do outro como real e separada dele. A passagem depende, pois, de uma mãe

que não retalie, nem se omita, nem reaja a projeções indevidas. Winnicott chama estas atitudes de sobrevivência do objeto. Há casos em que para não correr o risco de destruir o objeto, o sujeito tem que adotar o autocontrole dos impulsos em uma etapa muito inicial. Com isso, torna-se inibido tanto em sua espontaneidade quanto em sua criatividade.

A dificuldade em ser agressivo-criativo e transformador do ambiente é condicionada pelo ambiente, em particular o parental. Pais incapazes de acolher a agressão ou mães que precisem de proteção como as depressivas contribuem para o acionamento do autocontrole precoce e inibidor. O pai, para Winnicott funciona como um terceiro na relação mesmo antes do Édipo<sup>13</sup>.

Há um processo de desenvolvimento emocional em que um meio ambiente propício permite ao sujeito fazer transições até poder chegar a usar objetos. O uso dos objetos só é possível quando se pode tomá-los como algo externo a si, algo da realidade compartilhada e, esta só passa a existir quando se pode usar objetos. A apropriação torna-se, então, um ato performativo em que continuidades são construídas a partir de contigüidades. Whitehead, no capítulo XIII da *Adventures of ideas*, aborda o grupamento de ocasiões existentes contíguas para explicar transições. Winnicott vai usar os mesmos conceitos de continuidade e contigüidade para diferenciar a capacidade de relacionamento do ego antes e depois que se possa falar em realidade compartilhada e para falar de “um momento de continuidade-contigüidade em que os fenômenos transicionais se originam” (Winnicott, 1975:143).

O reconhecimento efetivo do pressuposto relacional, da coexistência de um objeto construído e de um objeto real, da prevalência do processual e da consideração da radicalidade da ocasião em processo no interjogo possível entre analisando e analista traz novas referências à psicanálise e ao trabalho psicanalítico.

---

13. Para o desenvolvimento mais completo dessas idéias ver Ilustração clínica de “O uso de um objeto” e “O uso de um objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo” em Winnicott, Clare Explorações Psicanalíticas – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Tabela 1: Percepções do eu, do outro e da realidade em diferentes situações de autonomia em relação ao meio ambiente

Percepções	Autonomia em relação ao meio ambiente		
	Dependência Absoluta	Dependência Relativa	Em direção à independência
Realidade (não eu)	<i>Fragmentada Fundida com o eu</i>	<i>Subjetiva</i>	<i>Compartilhada</i>
Eu	<i>Fragmentado Fundido com o não eu</i>	<i>Eu sou só com</i>	<i>Eu sou eu, entre outros</i>
Outro	<i>Indiferenciado</i>	<i>Unido</i>	<i>Disjunto</i>

Tabela 2: Elementos da apropriação característicos de diferentes situações de autonomia em relação ao meio ambiente

Elementos da Apropriação	Autonomia em relação ao meio ambiente		
	Dependência Absoluta	Dependência Relativa	Em direção à independência
Afetos	<i>Agonias Confiança</i>	<i>Sentimentos ligados à presença /separação</i>	<i>Diversificados</i>
Ações	<i>Motilidade Percepção sensorial</i>	<i>Relações de objeto (unidos, subjetivos)</i>	<i>Uso do objeto (disjuntos)</i>
Caracterização dos objetos	<i>Sinais</i>	<i>Fetico objeto Amuleto transicional</i>	<i>Símbolos e Objetos culturais</i>
Relacionamento com o objeto	<i>idêntico amorfo</i>	<i>Mecanismos de projeção e introjeção</i>	<i>Identificação</i>



## **Fania Izhaki**

Membro do Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ

Membro da Cooperativa de psicólogos -Codepsi

Consultório: Rua Siqueira Campos 121/604, Copacabana, RJ.

Tel:93551901

e-mail: faniaizhaki@hotmail.com

## **Referências**

ABRAM, Jan. *The Language of Winnicott A dictionary and guide to understanding his work*. London: Jason Aronson Inc., 1997.

BOLLAS, C. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não-pensado*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. *Playdoier* pelos irmãos. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 7-30.

FREUD, Sigmund. (1927). *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

IZHAKI, Fania. A espiral winnicottiana: um percurso em direção a uma metapsicologia inovadora. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, ano 27, n.17, p. 111-127, 2004.

\_\_\_\_\_. *Transformações de si: uma leitura dos escritos de Winnicott priorizando processos e relações*. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da Uerj, 2005.

LANGER, Suzanne. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

LEHMAN, Jean-Pierre. *La clinique analytique de Winnicott: de la position dépressive aux états-limites*. Ramonville Saint Agne: Éditions éres, 2003.

OGDEN, Thomas. Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 36, n. 4, p.737-755, 2002.

PIGAUD, Bernard. Une tâche sans fin. *L'arc* n 69 Librairie Duponchelle, 1990.

PONTALIS, J.B. Naissance et reconnaissance du soi. In: \_\_\_\_\_. *Entre le rêve et la douleur*. Paris: Galimard, 1977.

SOUZA, Octavio. Aspectos clínicos e metapsicológicos do uso de drogas. In: PLASTINO, C.A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2002. p.93-102.

STENGERS, Isabelle. *Penser avec Whitehead*. Paris: Editions du Seuil, 2002.

THOMPSON, Clara. *Evolução da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

WHITEHEAD, A.N. *Adventures of Ideas*. New York: The Free Press, 1967.

WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: \_\_\_\_\_. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Tradução Jane Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 269-285.

\_\_\_\_\_. Assistência residencial como terapia. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência* Tradução Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p. 249-258.

\_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Traduzido por José Octávio de Aguiar Abreu e Vaneide Nobre. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda, 1975.

\_\_\_\_\_. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Traduzido por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.163-174.

\_\_\_\_\_. A capacidade de estar só. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.31-37.

\_\_\_\_\_. O medo do colapso (breakdown). In: \_\_\_\_\_. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76.

\_\_\_\_\_. Os elementos masculinos e femininos ex-cindidos encontrados em homens e mulheres. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 134-144.

\_\_\_\_\_. O uso da palavra uso. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.181-183

\_\_\_\_\_. Comentários sobre o meu artigo: o uso de um objeto. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 185-186.

\_\_\_\_\_. O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 187-191.

\_\_\_\_\_. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 171-177.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2005

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005